

Falta de vacinação mata uma criança por hora

Unicef sugere plano de trabalho
Da Sucursal de Brasília

Estas são as propostas da Unicef para erradicar a morte pela falta de vacinação.

É preciso criar um grupo tarefa emergencial que apoie a vacinação nos Estados problemáticos do Nordeste, durante os primeiros seis meses de governo. Há muitos técnicos bons na área de imunização no Brasil. Não seria difícil montar um grupo de quatro pessoas, num curto espaço de tempo, para coordenar um plano emergencial que objetive a meta de vacinação universal em 1990.

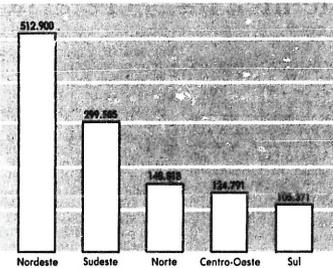
Promover a multi-vacinação nos dias de campanha nacional contra a poliomielite, especialmente nos municípios de baixa cobertura vacinal de rotina. Seria o engajamento dos serviços federativos tais como LBA, Suesp, Fiesp, Inamur, em escolas etc. para garantir o sucesso da campanha. A formação de mais vacinadores exigiria treinamentos específicos.

Dar continuidade à proposta de treinamento em larga escala do Programa Nacional de Imunizações do Ministério da Saúde, já em fase de implantação no país inteiro. O treinamento pretende recrutar 8 mil profissionais de sala de vacinação até outubro, no âmbito dos serviços de saúde federais, estaduais e municipais, com ênfase dada aos municípios de baixa cobertura do Nordeste. O treinamento objetivo: 1) reduzir as oportunidades perdidas de vacinação por falsas contra-indicações; 2) vacinar todas as crianças que entram na unidade de saúde por qualquer outro motivo e atualizar a cartela de vacinação; 3) preparar os técnicos.



Uma criança é imunizada contra a poliomielite (paralisia infantil), durante campanha de 89 em SP

NORDESTE TEM MAIS CRIANÇAS SEM VACINAÇÃO*



Fonte: Ministério da Saúde (ano 1989)

CAI A PROPORÇÃO DE CRIANÇAS VACINADAS CONTRA PÓLIO (em porcentagem)

1982	100
1984	88
1985	84
1986	89
1987	87
1988	93

GILBERTO DIMENSTEIN
Diretor da Sucursal de Brasília

Uma criança morre por hora no Brasil pela falta de aplicação de vacinas legalmente obrigatórias. Não faltam, porém, os remédios: por falta de utilização, acabam apodrecendo. Só no Nordeste, dois terços das doses de vacina disponíveis ficam inutilizadas nos postos de saúde — lá, meio milhão de crianças deixam de ser vacinadas por ano. Esses dados foram levantados pelo Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) em 1989, já entregues ao Ministério da Saúde, no mais completo retrato sobre a imunização no Brasil.

Foram coletados dados em todos os municípios brasileiros, concluindo-se que: "atualmente apenas dois terços das crianças menores de um ano estão adequadamente protegidas pelas vacin角度 a que tem direito por lei". Daí se obteve o número de uma morte por hora, o que totaliza cerca de 8.600 vítimas anualmente. Segundo dados do Unicef, é um quadro pior do que o de vários países da América Latina, como Bolívia, México, Paraguai, levando-se em conta o tamanho da população.

As vacinas obrigatórias referem-se a coqueluche, difteria, tétano, tuberculose, sarampo e poliomielite. São aplicadas contra essas doenças as vacinas DPT, BCG, sarampo e Sabin. Uma boa parte do problema se deve à falta de divulgação pelo governo para imunizar todas as crianças — o país tem não apenas as vacinas em número suficiente, mas as instalações e mão-de-obra necessárias. Isso exige, portanto, mais campanhas de vacinação.

De acordo com o estudo do Unicef, houve melhoria na luta

contra a poliomielite (paralisia infantil), mas se evidenciou uma piora nos serviços da rede de saúde. "O desempenho da rede de saúde, no tocante à vacinação de rotina, piorou nos últimos quatro anos. Na maioria dos estados e especialmente nos Estados do Nordeste, as coberturas vacinais de rotina em menores de um ano decresceram".

Para o Unicef, não é difícil resolver essa carência, atingindo-se níveis de cobertura próximos ao da vacina Sabin — no caso da paralisia infantil, faltam ser alcançadas mais 15% das crianças para se chegar à meta de 80%. Daí o documento alertar: "Quando da mudança de um governo e de uma reformulação administrativa, é importante não deixar açoes essenciais à saúde da população sofrerem queda".

Também de acordo com o documento, a questão da mortalidade de infantil deve ser agravada em períodos de recessão econômica. Foi feito um estudo sobre o impacto de políticas de ajuste na América Latina. E se concluiu que no Brasil, nos anos de 1983 e 1984, o índice de mortalidade cresceu, atingindo-se aproximadamente 48 mil crianças que não chegaram a 12 meses de vida.

Os números do Unicef já estão sendo analisados pelos técnicos do Ministério da Saúde, a fim de serem apresentadas alternativas. O ministro da Saúde, Alencar Guerra, diz ser um "absurdo" a morte pela falta de vacinação, já que existem os remédios e quem aplicá-los. O Palácio do Planalto, o Ministério da Saúde e o Unicef fizeram um acordo para que fosse criada a cota de horário gratuito no rádio e TV para que sejam intensificadas as campanhas de vacinação.

Rio não tem verba para combater mosquito da dengue

REGINA ELEUTERIO
Da Sucursal do Rio

O Rio de Janeiro não tem recursos para erradicar o mosquito transmissor da dengue, e, sem verbas federais, será difícil combater a doença, que se instalou no Estado em 1986. A avaliação é da superintendente de Saúde Coletiva do Estado, Diana Maul, 42, que, desde a semana passada, tem um novo dado para aumentar suas preocupações em relação à dengue: a descoberta, em dois pacientes, do vírus tipo 2 (que pode causar a morte).

Os problemas não param aí. Na avaliação de Maul, os casos de meningite, que este ano já chegaram a 796 (com 119 mortes),

deveriam aumentar. No Rio, a média de casos de meningite tipo B, que em 1989 era de 30 a 35 por mês, subiu para 40 a 45 este ano. A mortalidade desse tipo de meningite está em 16%.

Apesar do aumento constante no número de casos, o diretor da Bio-Manguinhos (setor da Fundação Instituto Oswaldo Cruz — Fiocruz — responsável pela produção de vacinas), Otávio Oliva, 38, não acredita que haja uma epidemia. O crescimento do número de casos fez com que o instituto aumentasse o estoque de vacinas contra meningite A e C de três milhões para oito milhões de doses. Para o tipo B, o Brasil importa 15 milhões de doses de Cuba, único país produtor.

No dia 15 de maio, a Secretaria de Saúde começa uma campanha de vacinação contra meningite tipo B que pretende atingir dois milhões de crianças. Em relação à dengue, a principal queixa da Secretaria de Saúde é o corte nos recursos federais. Em 86 e 87, quando o Rio teve uma epidemia de dengue, com mais de 70 mil casos notificados, o governo federal autorizou a contratação de cerca de três mil agentes sanitários para combater os focos do *Aedes aegypti*, mosquito transmissor. Segundo Diana Maul, essa verba foi cortada três meses depois. "O Estado não tem como financiar a contratação de agentes e não faz sentido o governo federal centralizar o combate ao mosquito. A alternativa é a des-

centralização da responsabilidade, desde que acompanhada de descentralização dos recursos."

A mortalidade da dengue hermorragica — que se caracteriza por grandes hemorragias nasais e anais — varia de 6% a 30% dos casos, dependendo da rapidez de tratamento. Segundo Maul, é difícil avaliar o "risco real" da doença no Estado. Até a semana passada, o vírus era considerado inexistente no Brasil.

O combate ao mosquito transmissor será dificultado também pela falta de pessoal. A Fundação Nacional de Saúde tem 2,5 mil agentes sanitários para o combate ao *Aedes aegypti* no Rio. Segundo o diretor, Higinio da Silva, seriam necessários oito mil.

VIOLÊNCIA

Hemorragia Aberta

ODED GRAJEV

Chacinas de crianças e adolescentes, como a do último dia 30 em Diadema, infelizmente continuam ocorrendo. O sangue dessas vítimas de grupos de extermínio e de "justicistas" não cessará de ser derramado apenas com a reclamada prisão dos culpados. É preciso ir mais fundo e reverter o crescimento da criminalidade, através da retomada do desenvolvimento econômico.

As 40 milhões de crianças de famílias pobres no Brasil serão as primeiras a serem afetadas se vivermos uma crise econômica. Nos países desenvolvidos, as crianças são as primeiras a serem colocadas a salvo no caso de uma recessão. No Brasil, um agravamento da recessão aumentará a criminalidade. E esse crescimento da violência urbana fará mais vítimas entre os adolescentes, a cada ano. Nos últimos meses, já vêm sendo assassinados no Brasil à estacardeouro média de um por dia, geralmente por grupos de extermínio.

A matança de crianças foi revista no livro "Guerra dos Meninos", escrito pelo jornalista Gilberto Dimenstein, sob patrocínio da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança, entidade que se propõe a mobilizar empresas e pessoas interessadas em trabalhar com divulgação e o respeito aos direitos da criança. Na luta por esses direitos, há muito o que fazer.

No caso da chacina de Diadema, o mínimo que se espera é uma digna identificação do responsável, acompanhando as investi-



gações policiais desde o início. A impunidade dos "justicistas" está em parte escorada na complicidade de policiais. Portanto, não se pode permitir a mínima possibilidade de o cabrito tomar conta da hora.

No campo político, urge a Câmara dos Deputados votar e aprovar o Estatuto da Criança e do Adolescente. Esse instrumento legal garantirá os direitos da criança, em substituição ao ultrapassado e policial-código de Menores. Nesse sentido, todos os partidos políticos precisam colocar a votação do Estatuto como uma de suas prioridades de atuação.

O Executivo e o Legislativo precisam se unir para que o Brasil ratifique a Convenção dos Direitos da Criança da ONU. Aprovada em novembro passado, a Con-

venção precisa contar com o comprometimento de toda a nação.

Nos Estados e Municípios, urge criar Delegacias da Criança e serviços "SOS-Criança" — um número de telefone onde qualquer violação aos seus direitos pode ser denunciada. Assim, se cada um fizer sua parte, esses direitos não ficarão apenas no papel.

As crianças de hoje serão o Brasil de amanhã. Se os seus mínimos direitos não forem respeitados, o país de amanhã já está negativamente comprometido. Por isso, a prioridade deve ser a criança e não um plano econômico. Os projetos de governo passam, as pessoas ficam.

ODED GRAJEV, 45, empresário, é presidente da Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos (ABRABR) e um dos coordenadores do Pensamento Nacional da Base Empresarial (PNBE). Preside a Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança.

Epidemia tornou a cidade 'proibida'

Da Sucursal do Rio

O Rio já foi uma "cidade proibida". Em 1895, após a morte, por febre amarela, de 234 tripulantes do italiano Lombardina, navios de outros países passaram a evitar o porto. A doença matou 58 mil pessoas até 1902 no Rio.

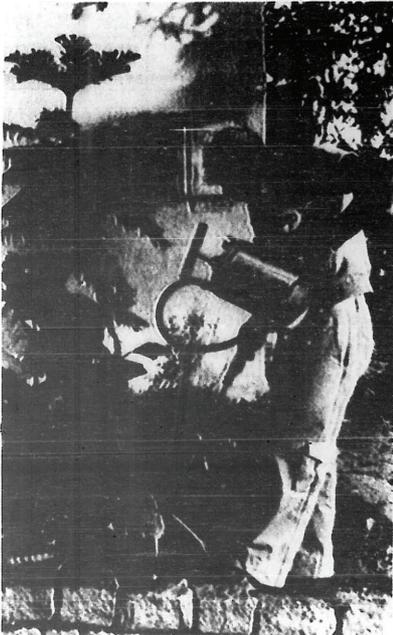
Em 1903, o recém-nomeado diretor-geral de Saúde, Oswaldo Cruz, causou polêmica ao identificar mosquitos e ratos como transmissores da febre amarela e da peste bubônica. De 1900 a 1904, sete mil pessoas morreram de varíola, 1.344 de peste bubônica e 2.259 de febre amarela. No museu da Fieozuz consta o conselho de Oswaldo Cruz de que o combate a mosquitos e larvas "deve ser ininterrupto". (RE)

Cuba faz teste em massa para controlar Aids

Da Redação

Três quartos da população sexualmente ativa de Cuba foram submetidos aos testes de Aids, segundo informação do jornal oficial do Partido Comunista, publicada pelo "Wall Street Journal". Os testes revelaram 434 portadores do vírus da Aids, sendo que 63 já desenvolveram a doença e 27 morreram.

Segundo o governo cubano, o controle está sendo feito através de testes massivos e segregação dos pacientes de Aids em clínicas especiais, onde podem continuar trabalhando e recebendo salário durante o tratamento.



Funcionário da Sucam em combate ao mosquito da dengue no Rio

Delegado diz que esclareceu crime em motel

Da Sucursal de Campinas

O delegado regional de Piracicaba (170 km a noroeste de São Paulo), Sérgio Augusto Dias Bastos, disse ontem que o assassino da estudante Rosiane Alonso, 17, foi um amigo dela, Francisco Aurelio de Souza Carvalho, 20. Rosiane foi assassinada dia 3 de abril, por sufocação, quando estava num motel com Carvalho. Ele se apresentou à polícia no dia 7, porque seus documentos haviam caído no lado do corpo. Carvalho confessou ter deixado o corpo dela num matagal da periferia. Carvalho está em São Paulo com o pai.

Fiocruz examina casos suspeitos de dengue tipo 2

Da Sucursal do Rio

A Fundação Nacional de Saúde recebe hoje uma relação de casos de dengue detectados no Rio. A Fundação Instituto Oswaldo Cruz confirmou dois casos de dengue tipo 2. Falta examinar os vizinhos dos dois pacientes, para se ter certeza do número de contaminados. Foram essas as primeiras vezes que se localizou o vírus do tipo 2 no país. De acordo com a fundação, desde o início do ano foram confirmados 163 casos de dengue no Estado. Desse total, 161 pessoas foram atingidas pelo vírus tipo 1 — mesmo da epidemia que atingiu o Rio em 1986.